

## O vocabulário do município de Elói Mendes-MG - um recorte lexical no sul de Minas Gerais

### Vocabulary of Elói Mendes city - a lexical clipping in the south of Minas Gerais

Silas Paixão Mendes \*

Geraldo José Rodrigues Liska \*\*

Celso Ferrarezi Junior \*\*\*

---

**RESUMO:** O estudo do léxico de um determinado recorte geográfico possibilita o registro da herança sociocultural de uma comunidade e do patrimônio linguístico de seus antepassados, que podem ou não se manter vigentes nos discursos mais atuais. O objetivo deste trabalho foi colher o maior número de Expressões Idiomáticas (EI) – preferencialmente faladas e reconhecidas por cidadãos de idade mais avançada – a fim de contribuir para a preservação da riqueza e da singularidade linguística do povo eloiense. Esse estudo mostra uma maneira de manter viva e registrada parte da afortunada herança sociocultural do município, o que só faz comprovar a mutabilidade do léxico por causa da cultura – mutabilidade esta que é percebida na interação social, que se utiliza de um conjunto de palavras e expressões comuns a uma determinada comunidade linguística

**PALAVRAS-CHAVE:** Expressões idiomáticas. Semântica de Contextos e Cenários. Falares regionais. Marcas identitárias. Dicionários.

---

**ABSTRACT:** The study of the lexicon of a certain geographic clipping allows the registration of the social and cultural heritage of a community and the linguistic heritage of its ancestors, which may or may not remain valid in the most current discourses. The objective of this work was to collect the largest number of idioms (EI) - preferably spoken and recognized by older citizens - in order to contribute to the preservation of the wealth and linguistic singularity of the Elói Mendes city's people. This study shows a way to keep alive and recorded a significant social and cultural heritage of the city, which only proves the mutability of the lexicon because of culture - this mutability is perceived in social interaction, which uses a set of words and expressions common to a particular language community.

**KEYWORDS:** Idioms. Semantic of Contexts and Scenarios. Regional speeches. Identifying's marks. Dictionaries.

---

\* Graduando em Letras na Universidade Federal de Alfenas. Membro do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GP-Lin. Desenvolve projeto de Iniciação Científica com bolsa pelo PIBIC/CNPq.

\*\* Coorientador. Doutorando em Estudos Linguísticos (Área: Linguística Aplicada. Linha: Ensino do Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Secretário Executivo da Universidade Federal de Alfenas.

\*\*\* Orientador. Professor Titular do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas. Coordenador do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GP-Lin.

## 1. Introdução

O estudo das expressões idiomáticas (EI) particulares da cidade de Elói Mendes (MG) se mostra importante a partir da compreensão de que o léxico idiomático de um povo muda constantemente e pode se perder com o tempo, embora, naturalmente, carregue traços das gerações anteriores. Assim, o objetivo deste trabalho foi colher o maior número de EI – preferencialmente faladas e reconhecidas por cidadãos de idade mais avançada – a fim de contribuir para a preservação da riqueza e da singularidade linguística do povo eloíense.

A identidade de um povo é indubitavelmente marcada pela sua maneira particular de se comunicar. As EI próprias de qualquer grupo, portanto, marcam a sua maneira de exprimir aquilo que não possui uma palavra própria costumeira e suficiente. Mais do que isso, uma EI é uma construção de cujas partes não se pode depreender o sentido do uso, o que a torna convencionalizada, ou seja, com significado semanticamente convencionalizado (TAGNIN, 1989; NOGUEIRA, 2008).

Como a cultura de um povo atravessa inclusive a sua maneira de falar, esta pesquisa foi realizada a partir de uma das teorias das Semânticas Culturais, chamada Semântica de Contextos e Cenários. Acreditamos que todas as EI atribuídas a quaisquer grupos precisam ser analisadas considerando o que está a envolvê-la – aqui, o contexto (dimensão linguística) e o cenário (dimensão extralinguística) em que foram inseridas –, afinal, elas foram e são construídas em um ambiente interlocutivo que é sócio-histórico e cultural. Conforme Ferrarezi Junior (2010, p. 169), nenhuma língua natural possui, para cada sentido que precisa construir, uma palavra específica que só seja usada em relação a um e único significado

## 2. A Semântica de Contextos e Cenários - SCC

A Semântica de Contextos e Cenários (SCC) é uma teoria semântica brasileira que parte do conceito de língua natural “como um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos” (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 12). Dessa forma, a língua se constitui, se constrói, funciona e interfere em nossa própria visão do mundo na medida em que precisamos representar com ela as coisas que nos cercam, ou seja, os nossos mundos (tanto aquele em que vivemos - da forma que o vemos - como aqueles que podemos imaginar). E, por isso, uma língua precisa ser entendida como um sistema aberto, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem com esses mesmos mundos.

Isso implica dizer que a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis. (FERRAREZI JUNIOR, 2010). Mas deve-se notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. Só que, ao mesmo tempo em que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo), uma interinfluência: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam.

A SCC estabelece, como máxima, que os sentidos de um sinal linguisticamente considerado apenas se especializam em um contexto e que os sentidos contextuais se especializam apenas em cenários possíveis (reais ou imaginários) de enunciação. Trata-se do Princípio da Especialização dos Sentidos – PES:

Especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentido i) associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra x, em um contexto y e em um cenário w, devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v, e não outra, em um mundo m (FERRAREZI JUNIOR., 2010, p. 113).

Adotar essa máxima cria a necessidade:

- a. de compreensão das dimensões linguística (*sinal*<sup>1</sup> tomado linguisticamente e *contexto*<sup>2</sup>) e extralinguística (*cenário*<sup>3</sup>) que estão envolvidas em cada enunciação e;
- b. da interseção dessas dimensões para a elucidação das formas de especialização dos sentidos dos sinais (os sinais, em nossa língua, são principalmente a *palavra* e tudo o que a acompanha – melodias, gestos, ordem de composição etc.).

<sup>1</sup> O sinal é considerado como sendo qualquer elemento significativo por meio do qual expressamos um sentido e designamos uma referência. É mais do que a palavra, mas é também a palavra. Inclui todos os recursos linguísticos disponíveis associados à palavra, bem como melodias e elementos não verbais.

<sup>2</sup> [...] como o nome sugere, o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos. (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p.116-117)

<sup>3</sup> [...] além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural [...] todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação, desde as roupas de quem enuncia (isso é relevante, por exemplo, num ato de pedido de namoro) até elementos fortuitos que se relacionem de qualquer forma ao que se enunciou (como um avião que passa por sobre os falantes na hora da enunciação, se, de qualquer forma, esse fato interferir no processo de especialização do sentido). (FERRAREZI JÚNIOR, p.116-117)

Tendo essa máxima em vista, a SCC se desenvolve em busca de sentidos outros que não apenas os sentidos referenciais, que apontam para uma “extensão de significado” nos moldes clássicos de uma Semântica Formal, ou para condições de verdade, como proposto por semânticas verifuncionais.

Quando se aplicam os pressupostos e os métodos da SCC, importam os valores e aspectos mais amplos da cultura, as “sensações de sentido” (como certo, errado, adequado, inadequado, bom, ruim, engraçado, triste etc.), os valores morais, éticos e outros de natureza ideológica que interferem em nossa visão do mundo e do que nele acontece, enfim, qualquer dimensão de sentido que se possa auferir a partir de uma expressão linguística.

### 3. Perspectivas Culturais

Conforme Ribeiro (2010), língua e sociedade somente existem em conjunto. A língua é utilizada por uma sociedade que, por sua vez, somente se comunica a partir de uma língua. Valores, ideias e experiências de uma sociedade somente podem ser e são, de forma majoritária, expressos e perpetuados pela comunicação, ou seja, por intermédio da língua.

Antes mesmo de começar a explorar as EI que ficaram arquivadas em materiais bibliográficos ou que perduram na língua de um povo, faz-se fundamental entender que a língua é entrelaçada pela cultura e, não fosse essa relação, o estudo das EI seria limitado a sua estrutura linguística. As EI formam uma categoria de palavras que não são compreendidas por seus constituintes, tornando impossível uma análise satisfatória que parta somente da dimensão sistêmica da língua, de sua estrutura e léxico comuns. Assim, como diz Cordeiro (2011), os estudos lexicais são importantes por se tratarem da área que contemplam os aspectos culturais e sociais de um determinado povo.

O vínculo entre língua e cultura é permeado, conforme Ribeiro (2010), pelas ocorrências da vida cotidiana dos falantes, que usam e nomeiam tudo aquilo que compõe o seu universo e que sofre alterações constantes. Estudar o léxico de um povo permite perceber que os falantes usam de sua criatividade para significar e ressignificar todas as coisas de acordo com suas necessidades interacionais.

Em função disso, pretende-se, com este estudo, manter viva uma parte significativa da cultura linguística. Cordeiro (2011) também considera que os estudos lexicais auxiliam na preservação de memória do povo, pois a língua é detentora de toda a sua particularidade – a identidade de uma comunidade de fala –, que é aquilo que torna um povo diferente de outros,

além de poder ser a abertura para o conhecimento da cultura, dos costumes e das crenças da comunidade em questão.

A pesquisa foi realizada no município de Elói Mendes, localizado no Sul de Minas Gerais, a 328 km da capital Belo Horizonte. Seus municípios limítrofes são Três Pontas, Paraguaçu, Cordislândia, Monsenhor Paulo e Varginha. Possui quase 27 mil habitantes segundo o censo do IBGE de 2013<sup>4</sup>. A cidade também já recebeu os nomes de Espírito Santo da Mutuca, Espírito Santo do Pontal e Mutuca.

Para a realização da pesquisa, iniciamos com um levantamento bibliográfico sobre o estudo das EI, como veremos na seção seguinte, por meio das perspectivas culturais que as abarcam, tendo como teoria de referência a Semântica de Contextos e Cenários. Após esse levantamento, partiu-se para a coleta de dados, contemplando registros literários e entrevistas com moradores da cidade de Elói Mendes.

#### **4. Expressões Idiomáticas**

Estudar EI viabiliza um mergulho no universo cultural que envolve toda a estrutura das línguas de uma forma mais ampla. Pode-se dizer isso porque as EI são manifestações próprias de cada povo e, assim como dizem Cunha e Ferraz (2010), seus significados são compreendidos somente quando o interlocutor conhece e está inserido na realidade extralinguística de onde provêm as expressões.

Utilizar-se da Semântica de Contextos e Cenários para pesquisar e tratar os dados colhidos durante a pesquisa, portanto, é conseguir entender sobremaneira as escolhas lexicais das comunidades e os sentidos que são atribuídos às EI, seguindo o Princípio da Especialização dos Sentidos – PES, explicado na seção anterior.

Aqui, é importante frisar o conceito de sentido para Ferrarezi Junior (2010, p. 59), que abrange as tantas formas de manifestações linguísticas de um significado. O sentido é, portanto, um valor de uso atribuído a um sinal linguisticamente constituído, de forma a funcionar como uma ponte entre o sinal e os elementos por ele representados no mundo real ou em mundos possíveis. O sentido é culturalmente determinado, pois é construído sócio-historicamente no âmbito de uma cultura e, portanto, engloba os valores da comunidade linguística dos falantes.

---

<sup>4</sup> Disponível em [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2013/estimativa\\_2013\\_dou.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/estimativa_2013_dou.pdf). Acesso em: 22 jul 2016.

O *contexto*, segundo o mesmo autor, é todo o material linguístico que está no entorno da palavra, que precede e sucede aquilo que é dito e que é acionado quando o sentido mais corriqueiro não preenche às lacunas da compreensão (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 116-117).

Porém o contexto não consegue dar conta de todos os aspectos do sentido e, então, temos o *cenário*, que é compreendido pelo autor como todo o conjunto situacional da interlocução. É onde encontram-se os detalhes da cena, que são “lidos” e conjugados pelos falantes para a compreensão da produção linguística em questão (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 116-117).

Com essas informações referenciais da teoria que embasou este trabalho, cabe informar que as EI colhidas para tal estão divididas em três grandes grupos, quais sejam:

- 1) Dados literários: nas obras *Elói Mendes ontem e hoje: os “causos e casos” que a Mutuca não conta mais* de Francisco Carlos Figueiredo (2015) e em *Vocabulário rural sul-mineiro* de João Alves Pereira Penha (1976);
- 2) Dados orais colhidos em entrevistas formalmente organizadas;
- 3) Dados orais espontâneos colhidos sem contato formal com os falantes, apenas a partir de anotações de campo no cotidiano do pesquisador;

O tratamento meticuloso de todos os dados colhidos foi indispensável, pois, em muitos casos, os dados literários são inventados ou alterados para serem usados como forma de humor.

Os casos de dados orais podem, também, ser bastante imprecisos, porque muitas vezes as falas em entrevistas são corrompidas pelo monitoramento dos falantes. É comum que as pessoas dissimulem suas falas por medo de fugirem às regras, principalmente as pessoas de idade avançada, pois tendem a pensar que sofrerão preconceito ao dizer coisas consideradas não formais.

## 5. Metodologia

A pesquisa foi realizada entre agosto/2015 e agosto/2016, buscando-se pelos escassos registros literários que pudessem contribuir com a busca por EI e na coleta de dados orais de expressões idiomáticas utilizadas pelo povo eloiense.

Esses dados foram obtidos nas falas espontâneas de pessoas que moram em Elói Mendes-MG e também em entrevistas com pessoas mais idosas. Nas entrevistas, percebe-se um amontoado de expressões diversas – talvez pelo pouco conhecimento de uma diversidade de

palavras advindas de populações de baixa escolaridade, as quais costumam preservar mais as falas regionais típicas.

Além das pesquisas orais, foi encontrada um estudo linguístico realizado num bairro rural de Elói Mendes nos anos 1970. João Alves Pereira Penha, doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, tinha um vasto material de pesquisa sobre o português rural. O autor realizou trabalhos fonéticos e dialetológicos da maneira de falar do português do Brasil e duas de suas obras – *Vocabulário Rural Sul-Mineiro* e *Aspectos da linguagem de São Domingos* – são enfocadas no falar de São Domingos, conhecido bairro rural de Elói Mendes.

O *Vocabulário Rural Sul-Mineiro*, publicado em 1976, contém mais de 600 expressões atribuídas ao povo morador do bairro eloiense São Domingos. Entretanto um único artigo encontrado conta com uma pequena parte dos vocábulos colhidos pelo autor. Nesse vocabulário, segundo Penha (1976, p. 97), “aparecem termos e expressões peculiares à região, mas talvez a maioria seja de uso geral, sendo o seu aproveitamento baseado na grande frequência do seu emprego nessa parte do Sul de Minas”.

Os verbetes foram listados e apresentados a alguns cidadãos eloienses para confirmar a veracidade deles, afinal de contas, como afirma Liska (2011), devemos analisar também a compreensão dos participantes do discurso como fator importante para a produção dos sentidos das palavras, pois essa produção envolve mudanças e perspectivas devido à formação cultural, social e linguística dos enunciadores.

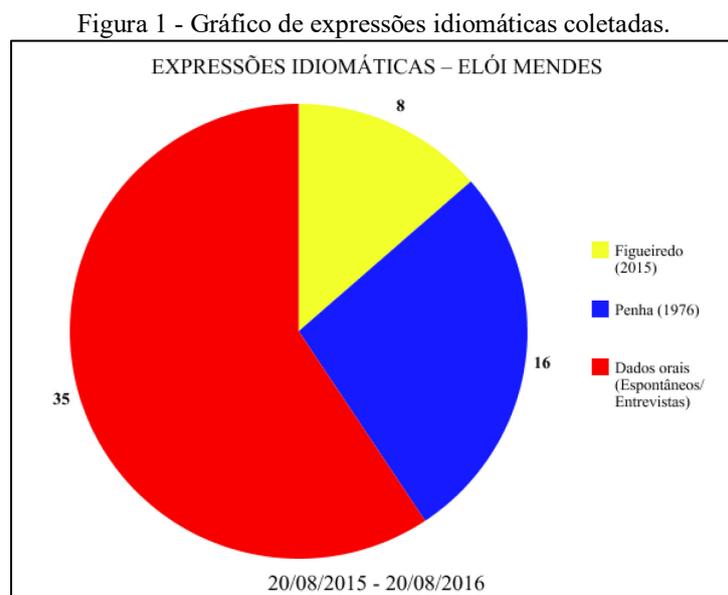
Temos também a obra *Elói Mendes ontem e hoje: os “causos e casos” que a Mutuca não conta mais* de Francisco Carlos de Figueiredo, professor de História e comendador da cidade de Elói Mendes. Trata-se de um apanhado histórico de muita relevância para a população eloiense, pois contém um vasto número de fotografias e informações importantes da cidade.

Dentre as informações do livro, o autor afirma que muito observou o vocabulário dos cidadãos e decidiu listar alguns que parecem mais peculiares. Três páginas de sua obra foram destinadas a algumas expressões, confirmadas por cidadãos de Elói Mendes. A curiosidade do autor em listar expressões ouvidas entre os cidadãos eloienses acontece como assumem Ferrarezi Júnior e Novais (2015), ao dizer que as expressões idiomáticas são o produto de um conjunto de processos bastante produtivos em qualquer comunidade de falantes, estabelecendo traços morfossintáticos muito próprios que passam a atuar como elementos diferenciadores daquela comunidade, ou seja, como marcas identitárias.

Além de todo o apanhado de expressões, as entrevistas e as falas espontâneas das pessoas, houve a necessidade de examinar a possível dicionarização das expressões colhidas. Nessa fase da pesquisa, interessam somente expressões próprias e reconhecidas pelo povo eloiense, sem formalizações ou que sejam comuns a outros públicos.

As expressões foram colhidas no período de um ano, variando entre dados orais espontâneos, entrevistas e revisão da escassa bibliografia disponível. Foram coletadas mais de duzentas expressões. Após certificar as expressões que ainda não foram dicionarizadas, restaram sessenta e oito EI para este estudo, das quais treze serão expostas aqui como amostra de resultados.

Os quadros apresentados são próprios da metodologia da Semântica de Contextos e Cenários, que contém informações precisas e indispensáveis para a compreensão dos dados. Abaixo, apresentamos um gráfico em que se demonstra o quantitativo de expressões colhidas por fonte:



## 6. Resultados

Passemos, portanto, a uma amostra das EI compiladas durante a pesquisa:

Quadro 1 – *Lavar a pôrda*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Lavar a pôrda</i>	Consta na pag. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Desta vez, quem ganhar o bolão vai <i>lavar a pôrda</i> ”.	Concorrentes de uma aposta em dinheiro comentando sobre o valor elevado do prêmio em questão.	Ganhar algo muito bom, um bom prêmio, uma boa quantia em dinheiro, dar-se bem, ser bem-sucedido em algo, alcançar situação de fartura. “Pôrda” é uma égua nova, de boa aparência. Lavar a pôrda equivale à expressão nacional mais conhecida “lavar a égua”.

Essa expressão encontra-se no livro de causos do “Tio Carlin” (FIGUEIREDO, 2015). De acordo com os cidadãos eloienses, alguém que “lava a pôrda” é alguém de muita sorte, que lucra em alguma situação, ganha algum prêmio, leva vantagem, ou simplesmente “dá sorte”, confirmando a definição de Figueiredo (2015, p. 353) para tal expressão. Todas as pessoas que a reconheceram responderam exemplificando com situações como “ganhar na loteria” ou “receber uma boa indenização em dinheiro”, encaminhando o sentido para algo predominantemente financeiro. Foram encontrados registros de sinônimos como “lavar a égua” ou “lavar a jega”.

Quadro 2 – *sorardo*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Sorardo (ser/estar um sorardo)</i>	23 jun 2016: conversa entre amigos.	“Nossa hoje eu to um <i>sorardo</i> porque tá frio demais”.	Funcionário chegando em seu local de trabalho reclamando do clima frio.	Exageradamente agasalhado; com muitas blusas de frio;

Essa expressão é um dado oral espontâneo de junho de 2016, no início do inverno do ano em questão. A falante queixou-se com um colega de trabalho de estar muito *sorardo* por causa do frio. Quando questionada, a informante disse que Sorardo (Sr. Oraldo) foi um senhor bastante conhecido na cidade de Elói Mendes, que sempre estava frente à venda de que era proprietário (próxima à rodoviária da cidade) vestindo casacos de inverno. Por estar sempre exageradamente agasalhado, não importando se estivesse frio ou calor, a expressão se

naturalizou representando alguém que exagera na quantidade de vestimentas invernais. Desde então, as pessoas são apelidadas de *sorardo*, quando estão excessivamente agasalhadas.

Quadro 3 – *sarandi*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Sarandi</i>	12 jan 2016: conversa entre colegas de trabalho.	“Vou pegar nesse <i>sarandi</i> e dar um jeito jajá”.	Colegas de serviço simulando um desentendimento, em que um ameaça arrumar o cabelo crespo do outro.	Cabelo crespo; cabelo armado;

Essa expressão é um dado oral espontâneo de janeiro de 2016. No trabalho, dois colegas trocam ofensas de brincadeira e, entre elas, a palavra *sarandi* aparece ao referir-se ao cabelo crespo de uma das pessoas em questão. Ao ser questionada, a enunciadora diz que sempre ouviu os pais usarem essa expressão e, então, ela faz parte de seu vocabulário também. Embora sem saber o significado mais corriqueiro da palavra, ela usava com referência ao cabelo crespo. Em entrevista com um idoso, descobre-se que o *sarandi* é uma árvore que possui folhas em formas desalinhadas, proporcionando grande voluptuosidade a copa destas árvores. Realizamos ainda consulta em dois dicionários de língua geral para confrimar a existência do sentido dessa palavra com referência à planta, o *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (2005) e o *Dicionário Aulete*, online, da Lexikon Editora Digital:

*sarandi*

Substantivo masculino. Bras.

1. Bot. Arbusto euforbiáceo (*Phyllanthus sellowianus*) que atinge até 2,5m, de folhas oblongo-lineares; flores pequenas, unissexuais, organizadas em longos racemos, e frutos que são cápsulas mínimas e globosas; sarã (FERREIRA, 2010).

**(sa.ran.di)<sup>5</sup>**

sf.

1. Angios. Nome comum de diversas plantas da fam. das euforbiáceas.

2. Angios. Pequena árvore (*Phyllanthus emblica*), nativa da Ásia tropical, cultivada pela madeira e pelos frutos, ricos em minerais e vitamina C.

3. Angios. O fruto dessa árvore.

4. RS Angios. Arbusto grande (*P. sellowianus*), natural do Brasil.

5. Angios. Arbusto (*Sebastiania angustifolia*) natural do Brasil, de folhas lineares e flores em espiga, e cuja madeira é us. como cerca viva ou lenha; salgueiro-bravo.

6. PA Pequena ilha cheia de pedras.

7. S Terra estéril; maninha. [F.: Do tupi.]

<sup>5</sup> Disponível em < <http://www.aulete.com.br/sarandi> >, acesso em 10 abr 2017.

Daí, podemos inferir que a expressão *sarandi* se refere ao volume e a forma desgrenhada da copa, que se assemelha às formas do cabelo crespo. Mesmo com as definições dos dicionários, apresentamos ainda a figura do vegetal para que o leitor possa ter uma melhor compreensão da analogia apresentada, entre o cabelo e a planta.

Figura 3 – Terminalia Australis Cambess, o Sarandi.<sup>6</sup>



Fonte: Disponível em <<http://sites.unicentro.br/wp/manejo florestal/files/2012/06/1-Terminalia-australis-Camb.jpg>>  
Acesso em: 9 ago 2016.

Quadro 4 – *passa na pinguela*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Passa na pinguela</i>	6 jul 2016: conversa entre amigos.	“Amigo, acho que ele <i>passa na pinguela</i> , né? Não é tão ruim assim”.	Amiga questionando o amigo sobre a beleza de seu namorado.	Ser aprovado fisicamente; beleza mínima; dar conta de alguma coisa; ser aceitável em razão de algum critério específico.

Essa expressão foi colhida em um ambiente informal, numa conversa entre dois amigos, quando conversavam sobre a aparência do namorado de um deles. Como não se trata de alguém que segue um padrão de beleza, que tenha traços formosos ou que atraíam imediatamente a alguém, levanta-se a questão: “ele *passa na pinguela*, não *passa*?”, ou seja, se trata de alguém aceitável em relação a esse critério, pois ele não é alguém tão feio assim, é uma pessoa comum, que fica entre o feio e o bonito.

Consultamos as definições de ‘*pinguela*’ nos dois dicionários utilizados neste trabalho:

<sup>6</sup> Disponível em <<http://sites.unicentro.br/wp/manejo florestal/files/2012/06/1-Terminalia-australis-Camb.jpg>>  
Acesso em: 9 ago 2016.

pinguela

Substantivo feminino.

1. Tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio.
2. Pauzinho com que se arma o laço para apanhar aves; pinguelo.
3. Gancho com que se armam ratoeiras (FERREIRA, 2010).

(pin.gue.la) [é]<sup>7</sup>

sf.

1. Ponte tosca sobre um rio, feita de pedaços de pau ou de um só tronco
2. Pauzinho ou gancho us. para armar ratoeiras, armadilhas, arapucas; PINGUELO [F.: Posv. de *pingar*.]

Como podemos observar em algumas das definições encontradas, “pinguela”, na qualidade de uma ponte improvisada, rústica e de construção temerária sobre um riacho ou vale (muitas vezes, apenas um pedaço de pau estendido sobre a área a ser transposta) é um teste de transposição no meio do caminho. Nem todo mundo dá conta de atravessar uma pinguela ou responde às exigências do desafio sem cair. Assim, “passar na pinguela” é atender a algum critério minimamente, é ficar na média, no suficiente, sem a necessidade de surpreender positivamente, ao mesmo tempo sem decepcionar.

Quadro 5 – *bater e valer*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Bater e valer</i>	22 jul 206: conversa entre amigos.	“Isso aí é só <i>bater e valer</i> que já tá pronto”.	Explicação sobre o cozimento de um prato.	Pequeno instante de tempo; pronto em poucos minutos;

Informalmente, numa conversa entre amigos, a respeito de um trabalho que provavelmente é feito rapidamente, um dos interlocutores usou a expressão “bater e valer”, com o sentido de algo rápido, prático e fácil. Essa expressão remete à praticidade de alguma atividade, que será executada rapidamente, por se tratar de algo descomplicado.

Quadro 6 – *cagou na couve*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Cagou na couve</i>	30 mai 2016: conversa entre colegas de trabalho.	“ <i>Tava indo tudo certo, mas ele cagou na couve</i> ”.	Moça contando sobre o primeiro encontro com um rapaz.	Ferrar com tudo arruinar; estragar; “ferrar com tudo” (em ambientes informais)

<sup>7</sup> Disponível em < <http://www.aulete.com.br/pinguela>>, acesso em 10 abr 2017.

Em conversa informal, dois colegas de trabalho conversam sobre o primeiro encontro de um deles. A mulher, casada há 15 anos, contava como fora o primeiro encontro dela com o seu paquera, que veio a ser seu esposo. A interlocutora contava que estava indo tudo muito bem, mas no que se refere ao primeiro beijo do casal, a experiência ftnha sido negativa.

Ela estava gostando do rapaz, mas o beijo não foi bom e, portanto, estragou o que havia de positivo no encontro. Disse que estava indo tudo bem, até que o rapaz "cagou na couve". Infere-se que essa expressão seja depreciativa e nomeia um erro grave, uma falha. Ao acontecer, estraga tudo de positivo que antes havia acontecido.

Quadro 7 – *carne de apá*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Carne de apá</i>	Consta na pág. 110 da obra de Penha (1976).	“O papai não paga hotéis; ele é <i>carne de apá</i> ”.	Descrição feita pela filha sobre as características de seu pai.	Avarento;

Penha (1976) traz a expressão "carne de apá" com sentido de 'avareza'. É a expressão usada para nomear aquele que é apegado ao dinheiro, "pão duro". Descobrimos entre as entrevistas que a EI "carne de apá" refere-se àquele que é uma pessoal enjoada, difícil, complicada. Consultamos a definição de “apá” no Dicionário Aulete<sup>8</sup> e constatamos a seguinte definição:

**apá** <sup>2</sup> s. m. || (Bras., São Paulo) (pop.) Pá (das reses).

Por sua vez, “rês” referencia qualquer quadrúpede usado na alimentação humana. Aproxima-se muito da expressão "carne de pescoço" que, por ser uma carne envolvida entre ossos estreitamente ajustados, é difícil de ser alcançada. "Carne de apá" é usada como adjetivo de avarento, mas estende-se também que são pessoas consideradas complicadas e de difícil convívio.

Quadro 8 – *colocou o bêbado pra vomitar*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Colocou o bêbado pra vomitar</i>	16 dez 2015: conversa informal entre amigos.	“Mas ele não foi esperto uai... <i>Colocou o bêbado pra vomitar...</i> ”	Amigos comentando sobre a surpresa da paternidade de um amigo.	Gozar; Ejacular;

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.aulete.com.br/ap%C3%A1>, acesso em 10 abr 2017.

Em conversa informal, amigos comentam sobre a suposta ignorância de um terceiro amigo que viria a ser pai. Durante a conversa, um dos amigos respondeu que existem vários métodos contraceptivos e que, na era da globalização, não há mais justificativas para se engravidar "inesperadamente". Em seguida, o outro colega disse que ele não foi esperto, pois "colocou o bêbado para vomitar".

Essa expressão se refere ao ato de ejacular. "Colocar o bêbado para vomitar" remete metaforicamente ao gozo, que finaliza o ato sexual.

Quadro 9 – *cortei um doce*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Cortei um doce</i>	17 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	"Diz ela que <i>cortou um doce</i> pra fazer a tarefa de ontem".	Professora falando sobre a dificuldade da aluna.	Passar por dificuldade; pelear;

Em dia de trabalho, o corpo docente de uma escola reuniu-se no intervalo e, como de costume, compartilharam as experiências de sala de aula. Uma das professoras comentava que o aluno mais agitado da sala era, também, um dos mais inteligentes e sempre terminava as lições antes do restante da turma. A professora lhe deu uma atividade de nível mais avançado e o aluno, por sua vez, não conseguiu terminar em sala de aula.

A mãe do menino, no outro dia, disse que o garoto teve muita dificuldade para executá-la, mas tentou até conseguir. A professora usou a expressão "cortar um doce" para se referir a essa dificuldade do aluno. "Cortar um doce" significa ter muita dificuldade, passar por uma situação complicada, que exija muita dedicação.

Quadro 10 – *égua atrás do toco*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Égua atrás do toco</i>	3 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	"Hoje essa daí acordou com a <i>égua atrás do toco</i> ".	Funcionários comentando sobre as atitudes de uma colega.	Nervoso; irritado;

Logo na portaria do trabalho, dois colegas conversam sobre a fisionomia negativa de uma terceira colega no referido dia. Ela estava aparentemente estressada e irritada por algum motivo e, por isso, um dos interlocutores disse que ela havia acordado "com a égua atrás do

toco". Essa expressão confirma-se pela própria definição do falante, que disse que isso significava “estar nervoso, estressado, irritado”.

Quadro 11 – *muntô no porco*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Muntô no porco</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Eu avisei antes e mesmo assim ela <i>muntô no porco</i> ”.	Um rapaz falando com outro sobre a filha que foi traída pelo noivo.	Se deu mal, levou a pior, vacilou...

Figueiredo (2015) assume que a expressão "muntar no porco" equivale a "pisar na jaca". O 'montar' sofre interferência da oralidade e do falar caipira, e a referência ao porco confirma a hipótese de que essa expressão provavelmente tem origem rural. Aquele que "munta" no porco é aquele que se dá mal. Ao conversar com entrevistados, a hipótese mais comum é a de que a reação do porco ao receber alguém montado em suas costas faz com que o montador caia ao chão. Daí, imagina-se que a expressão "Muntar no porco" é certeza de se dar mal.

Quadro 12 – *tregar na arma*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Tregar na arma</i>	14 dez 2015: conversa entre colegas.	“Diz que o presidente da câmara <i>trepou na arma</i> na última reunião, né?”.	Professores comentando sobre a última reunião da câmara de vereadores.	Ficar estressado, irritado; Perder as estribeiras;

Em rápida conversa sobre a política do município de Elói Mendes, duas colegas falavam sobre a última reunião da câmara de vereadores do município. No episódio, houve discussões acirradas e percebeu-se que o presidente da câmara se encontrara visivelmente alterado, gesticulando agressivamente e gritando. Enquanto comentavam, uma das enunciatóricas disse que o vereador havia “trepado na arma”. A expressão “tregar na arma” significa se exaltar, se irritar. Aquele que “trega na arma” é o que se encontra estressado, irritado.

Quadro 13 – *véia debaixo da cama*.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>Véia debaixo da cama</i>	2 dez 2015: durante o horário de lanche de professores.	“... ela não concordou com o que eu disse! Ô <i>veia debaixo da cama!</i> ”.	Amigas comentando sobre a conversa entre as avós de um menino.	Velha chata, rabugenta, insuportável...

A situação se deu quando a avó de uma criança tinha procurado uma professora para saber sobre um acontecido na escola. Em suma, a professora esclareceu os fatos e justificou sua reação, mas a senhora insistiu que a atitude dela fora equivocada. Diante disso, a professora exclamava que a avó da criança não havia concordado e se referia a ela como “velha debaixo da cama”, como um sinônimo de velha rabugenta, teimosa e insuportável.

Pretendemos confirmar que os dados registrados dessa maneira, nos moldes da SCC, permitiram uma compreensão mais completa de como e por que seus sentidos foram atribuídos da forma que foram. Além disso, permitiram a comparação da atribuição de sentidos nos respectivos âmbitos discursivos, ou seja, a identificação de padrões de atribuição de sentidos na relação [sinal < > contexto < > cenário]. Defendemos que o campo da SCC extrapola os limites da produção linguística e investiga como a dimensão cultural, extralinguística, interfere na construção e associação de sentidos, e esse foi o principal motivo para a escolha dessa teoria para a análise dos dados.

## 7. Considerações finais

Investigar as características da fala de pessoas com idades, vidas e experiências diferentes, remete-nos à diversidade cultural que cada comunidade possui (RIBEIRO, 2010, p. 35). Procurar por expressões idiomáticas é esclarecedor nesse sentido, pois a linguagem é completamente atravessada pela cultura, assim como a cultura é preservada principalmente através da linguagem [oral ou escrita].

Ribeiro (2010) discorre sobre o léxico regional, que é um recurso social para expressar aquilo que seus falantes necessitam. A autora diz ainda que o vocabulário regional sofre de manutenções, variações, renovações e expansões lexicais a partir das necessidades linguísticas do povo, que conserva alguns vocábulos, cria outros, recria expressões e incorpora palavras, o que reforça a ideia de dinamismo no processo de comunicação.

Com este trabalho, esperamos mostrar que o estudo das EI da cidade de Elói Mendes é uma maneira de manter viva e registrada parte da afortunada herança sociocultural do município, o que só faz comprovar a mutabilidade do léxico por causa da cultura – mutabilidade esta que é percebida na interação social, que se utiliza de um conjunto de palavras e expressões comuns a uma determinada comunidade linguística.

## Referências Bibliográficas

BOLLELA, M. F. de F. P. Resenha da obra 'Português rural de Minas numa visão tridimensional'. **Anais do II EDIP**, Araraquara, v. 1, p 47-53, 2011.

CORDEIRO, M. J. Língua e cultura no Vale do Jequitinhonha: o léxico rural na região de Minas Novas. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: [http://filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_2/165.pdf](http://filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/165.pdf). Acesso em 25 jul 2016.

CUNHA, A. L. da; FERRAZ, A. P. Expressões idiomáticas na sala de aula de língua materna: o tratamento dessas unidades lexicais no livro didático. In: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R. de; OLIVEIRA, L. P. de; PEREIRA, E. S. (Orgs.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas. V. II**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários**: de la langue à la vie. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 5.ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FIGUEIREDO, F. C. de. **Elói Mendes ontem e hoje**: os “causos e casos” que a Mutuca não conta mais. 2ª ed. Elói Mendes, 2015.

LISKA, G. J. R. Os sentidos lexicais de composições e expressões fixas no humor e na propaganda. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

NOGUEIRA, L. C. R. **A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros**. 2008, 249 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, C.; NOVAIS, S. L. Ó. Estudo do falar de Paraguaçu (MG) e Região: expressões idiomáticas. (**Entre Parênteses**), v. 1, p. 66-86, 2015.

PENHA, J. A. P. **Vocabulário rural sul-mineiro**. Franca, p. 90-118. 1976.

\_\_\_\_\_. Aspectos da linguagem de São Domingos. **Alfa – Revista de Linguística**, p. 81-118. 1975.

RIBEIRO, G. A. **O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais**: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy. 2010, 256f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8TBNKY>. Acesso em: 25 jul 2016.

TAGNIN, S. E. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

Artigo recebido em: 13.01.2017

Artigo aprovado em: 03.06.2017